



# Sindjus

Filiado à CUT/FENAJUFE

Impresso  
Especial

1000014810-DR/BSB  
Sindjus-DF

/// CORREIOS ///

Sindicato dos Trabalhadores do Poder Judiciário  
e do Ministério Público da União no DF

Ano XVI - nº 51 - Setembro de 2008

Carreira:  
como você  
vai querer a  
**sua?**





ILUSTRAÇÃO: CLOVIS GRACIANO

FOTO: DAN SHIRLEY

As duas pontas do mar e do sertão  
agora se encontram nas estrelas: Caymmi e Luiz Gonzaga;  
o Brasil fechou um ciclo nas canções que traduzem  
a luta cultural do interior com o litoral – síntese que deságua no  
coração do Planalto Central;  
Brasília no eixo desses encontros e desencontros dos muitos países  
em um só Brasil – canções que encurtam distâncias entre regiões;  
assim como Gonzaga virou pó na caatinga sertaneja e pelejou com o sol,  
agora parte Caymmi, espuma, dissolvida, no mar que é um e uno,  
nessa identidade brasileira de tantas diferenças...  
Abençoado o país que tem Gonzaga e Caymmi para ensinar às gerações  
os estribilhos do mar e os aboios dos sertões...

TT Catalão



FOTOS: ARTHUR MONTEIRO

AO LEITOR

# Uma oportunidade ímpar



**Roberto Policarpo**  
Coordenador-geral  
do Sindjus

De forma rica e plural, nós, servidores do Poder Judiciário e Ministério Público, vivenciamos, no mês de agosto, uma oportunidade ímpar de projetar as aspirações referentes à nossa carreira em um futuro próximo. Com a crescente informatização da justiça brasileira e a ameaça intermitente da terceirização, precisamos investir em meios que, além de nos valorizar, protejam-nos. Em termos de correção salarial, os três Planos de Cargos e Salários que conquista-

mos cumpriram sua missão, garantindo, inclusive, avanços na construção de uma carreira. O adicional de qualificação é um exemplo real disso.

No entanto, precisamos dar uma nova dimensão a esse debate. E é isso que fazemos ao colocar o tema *Plano de Carreira* na pauta nacional da nossa categoria. É preciso transformar os nossos anseios, as nos-

sas necessidades, as nossas prioridades em um Projeto de Lei. São muitas reivindicações, e, por meio desta campanha, pretendemos alcançar o melhor possível. Essa luta abrange todos os servidores do Brasil, mas a sua sugestão tem um peso muito grande na arquitetura desse plano. Portanto, para essa luta dar certo, nós precisamos da sua participação. Sugira caminhos, aponte problemas, busque idéias... Participe!

Não podemos esperar uma carreira perfeita cair do céu. O plano ideal é diretamente proporcional ao envolvimento que cada servidor tiver na construção desse novo instrumento de direitos. Como você é o principal responsável pelo sucesso deste plano, buscamos ouvi-lo. Durante todo o mês de agosto o sindicato promoveu uma série de debates setoriais, buscando dar ainda mais voz a cada filiado. O seu órgão, o seu setor, o seu colega de trabalho e você serão os construtores deste Plano. Se você tiver algo a acrescentar, envie um email para [sindjus@sindjusdf.org.br](mailto:sindjus@sindjusdf.org.br). Juntos, vamos buscar uma carreira que lhe dê mais prazer, segurança e reconhecimento.

**É preciso transformar nossos anseios, necessidades e prioridades em um Projeto de Lei. São muitas reivindicações; por meio desta campanha, pretendemos alcançar o melhor possível.**

### Transparência e combatividade

Parabéns Sindjus pelo número 50 de sua revista mensal. É bom ter acesso a um meio de comunicação que faça um caminho inverso ao da grande mídia, privilegiando os trabalhadores. Graças a essa mistura de transparência e combatividade, a nossa luta se fortalece. Rever, reverter, revelar, mais do que nunca, é preciso.

**Rodrigues Antunes, STJ**

### Negociar é preciso

Eu desconhecia a grandiosidade da convenção 151, que tornou possível a negociação coletiva em nosso meio. É impressionante como os trabalhadores são deixados de lado. Afinal, foram 20 anos até a aprovação desse direito. Mas agora ninguém irá calar a nossa voz. Definitivamente, negociar é preciso!

**Edna Torres, TJDF**

### Plano de Carreira já!

Eu participei ativamente das mobilizações para a aprovação do nosso último PCS e me coloco à disposição para batalhar pelo Plano de Carreira. Gostaria de fazer um apelo, a cada servidor, para que faça o mesmo. Vamos nos unir e lutar por um futuro melhor. O sucesso dessa luta depende do nosso empenho. Plano de Carreira já!

**Milton Silva, TRT**

### Hipocrisia não!

É revoltante. Os parlamentares gozam de inúmeros recessos, além das férias. Temos de esperar quórum, calendário de eleição municipal, entendimento entre os líderes para que um projeto de nosso interesse seja votado. Já que é para retirar o recesso do Judiciário, sugiro que haja uma uniformização e que se retire também o do Legislativo. Chega de hipocrisia!

**Marcus Vinícius, STJ**

### Pilhas e baterias

Parabéns pela reportagem sobre o descarte de pilhas e baterias. Seria bastante útil que vocês divulgassem alguns locais de descarte desses materiais no DF. Conheço muita gente que não descarta no local certo porque não sabe onde encontrá-lo, enrola e acaba jogando fora.

**Gisele Machado, TRT**

*Parabéns pela reportagem sobre o descarte de pilhas e baterias. Seria bastante útil que vocês divulgassem alguns locais de descarte desses*

### Viva Athos Bulcão

A Revista do Sindjus está em sintonia não só com os servidores em si, mas com o que nos rodeia. A cobertura dos 90 anos de Athos Bulcão, mesmo sem querer, foi uma última homenagem a este que deu um novo desenho a Brasília. Um desenho absolutamente dinâmico. Espero que os governantes e a sociedade lutem pela preservação desta arte viva.

**Maria Esther, MPU**

### Qualidade de vida

Sou extremamente favorável a trabalhar com alegria. As administrações precisam investir em ações de qualidade de vida como forma de valorizar o nosso trabalho. Que a reportagem publicada na edição nº 50 desta revista sirva de alento para que os tribunais façam valer essa prática que faz bem para o corpo e a para a alma.

**Lúcia Mendonça, TRF1**

### Vergonha nacional

Vergonhosa a situação dos presídios brasileiros. Como ter esperança em uma sociedade da paz com presos vivendo em condições subumanas? O detento tem que pagar pelo crime que cometeu, mas precisa do mínimo de condições dignas para isso. Caso contrário vai sair pior do que entrou. Será que nos países europeus as cadeias são assim? Vergonha!

**Fábio Martins, STF**

### O olhar das crianças

Já inscrevi meu filho no 1º Concurso Atitude de desenho infantil. Muito louvável essa iniciativa do Sindjus em projetar o futuro em acordo com o olhar das nossas crianças. Mais do que ficar entre os 12 contemplados, espero que uma nova mentalidade social surja a partir da criatividade dessa nova geração.

**Fátima Santos, PGR**

### Eleições municipais

Embora no Distrito Federal não haja eleição para prefeito ou vereador, a gente vive um importante momento político com as eleições municipais. Os servidores da justiça eleitoral têm um papel fundamental a desempenhar para garantir o aprimoramento desse processo. Espero que a vitória nas urnas seja da democracia e da igualdade social.

**Antônio Maciel, TSE**

## Revista do Sindjus

**SDS - Ed. Venâncio V - Bl. R  
Salas 108 a 114  
CEP 70393-900  
Brasília-DF  
PABX (61) 3224-9392  
www.sindjusdf.org.br**

### Coordenadores-gerais

Ana Paula Barbosa Cusinato (MPDFT)  
Roberto Policarpo Fagundes (TRT)  
Wilson Batista de Araújo (TRE/DF)

### Coordenadores de Administração e Finanças

Berilo José Leão Neto (STJ)  
Cledo de Oliveira Vieira (TRT)  
Jailton Manguiera de Assis (TJDF)

### Coordenadores de Assuntos Jurídicos e Trabalhistas

Eliza de Souza Santos Ávila (STF)  
José de Oliveira Silva (TJDF)  
Newton José Cunha Brum (STM)

### Coordenação de Formação e Relações Sindicais

Carlos Alberto de Araújo Costa (TJDF)  
Eliane do Socorro Alves da Silva (TRF)  
Raimundo Nonato da Silva (STM)

### Coordenadores de Comunicação, Cultura e Lazer

Orlando Noleto Costa (TSE)  
Sheila Tinoco Oliveira Fonseca (TJDF)  
Valdir Nunes Ferreira (MPF)

### Coordenação editorial

TT Catalão - Reg. Prof. 685-DF

### Edição

Usha Velasco

### Reportagem e redação

Daniel Campos  
Thais Assunção  
Eunice Pinheiro

### Revisão

Patcha Comunicação

### Projeto gráfico e arte

Usha Velasco

### Fotografia

Arthur Monteiro

### Tiragem

12.000 exemplares

Envie seus comentários ou sugestões de pauta para [cartas@sindjusdf.org.br](mailto:cartas@sindjusdf.org.br)

# O Direito se encontra na lei ou na rua?

No julgamento da ADPF nº 144, o Presidente do Supremo Tribunal Federal fez uma afirmativa que teve ampla repercussão: “cada vez mais nós sabemos que o Direito deve ser achado na lei e não na rua”.

Comentando essa expressão, o Professor Marcelo Cattoni da UFMG, não pôde deixar de estabelecer interconexão entre o juízo do Chefe de Justiça e a proposta de “O Direito Achado na Rua”, numa argumentação que serve bem para esclarecer a falsa oposição entre a lei e a rua (tomando-se por dado que se reconheça que a rua aí considerada é uma designação metafórica de esfera pública), negada na afirmação do Ministro, que foi, aliás, reivindicada como citação sua pelo jornalista Reinaldo Azevedo, que em *Veja* (edição 2016, 11/07/2007), arrepia-se também em face de “O Direito Achado na Rua” porque “tal corrente entende que o verdadeiro direito é o que nasce dos movimentos sociais”.

**Segundo o professor** Cattoni, no Estado Democrático de Direito, este tipo de afirmação merece maiores explicações, para que não se crie uma falsa oposição entre lei e rua. Pois se é certo que o Direito não deve ser reduzido à vontade - não-mediada institucionalmente - de maiorias conjunturais, por outro não pode ser reduzido à mera estatalidade.

Para ele “o pluralismo jurídico que Gilmar Mendes critica com seu pronunciamento não coloca em risco a constitucionalidade democrática. Numa sociedade democrática, aberta de intérpretes da Constituição, o pluralismo jurídico é interno ao próprio Direito democrático e é condição de racionalidade discursiva para que, publicamente, possamos, no exercício da cidadania, construir, ao longo da história da nossa comunidade jurídica, os ideais de justiça e de bem-comum que devem dar sentido a essa história (art. 1.º, V, da CRFB). Assim é que a coerência normativa exigida pela integridade do/no Direito é de princípios e não a meras convenções do passado.

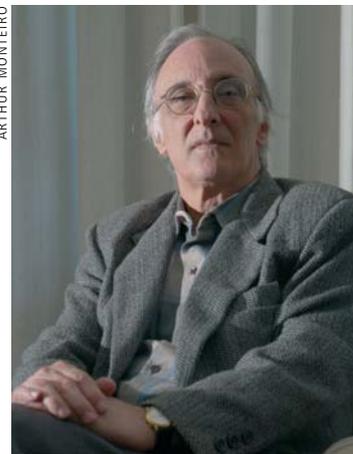
**Se o Direito não nascer** na rua, se a legalidade não nascer da informalidade e na periferia, e não se sustentar com base em razões que sejam ca-

pazes de mobilizar os debates públicos pela atuação da sociedade civil e dos setores organizados da sociedade, e assim, sem uma perspectiva generalizada, universalizada, instaurada pelas lutas por reconhecimento e inclusão, não ganhar os fóruns oficiais, não ganhar o centro do sistema político, e não se traduzir em decisões participadas, como falar-se em legitimidade democrática?”

Em interessante artigo cujo título é “A Contribuição do Direito Achado na Rua para um Constitucionalismo Democrático”, o Professor Menelick de Carvalho Netto chama a atenção para a virtualidade heurística de “O Direito Achado na Rua”, ao mostrar a sua atualidade teórica para romper com a visão redutora, formalista, anti-povo e autoritária que se retrai diante do movimento social e que perde a perspectiva de apreensão do “nexo interno entre o sistema de direitos e da democracia”, numa espécie de cegueira para o surgimento “em toda a sua clareza das demandas expressas nas lutas por reconhecimento dos movimentos sociais, tornando visível a exigência de permanente abertura do Direito e da política”.

**E é deste modo** que J. J. Gomes Canotilho se refere ao potencial emancipatório, originado de postulações como as de “O Direito Achado na Rua”, para livrar o Direito Constitucional de seu enredamento formalista e levá-lo, com base em teorias da sociedade e da justiça, a poder reconhecer novos modos de determinação da regra do Direito: “do outro lado da rua, o ‘direito achado na rua’ e, perante o sangue vivo que brota dos vasos normativos da realidade e a sedução de um direito outro, alternativo ao direito formal das constituições, códigos e leis, compreende-se que o discurso hermenêutico dos juristas mais não seja que um manto ocultador do insustentável peso do poder”, que vai continuar achando que o Direito só se encontra nas leis, mas nunca na rua. Ao menos pudessem esses juristas abrirem-se, como o poeta (Drummond), às exigências do justo e como ele, darem-se conta de que “Os homens pedem carne. Fogo. Sapatos. As leis não bastam. Os lírios não nascem da lei”.

ARTHUR MONTEIRO



**José Geraldo de Souza Júnior**

Professor e ex-diretor da Faculdade de Direito da UnB, coordena o projeto “O Direito Achado na Rua”

**Se o Direito não nascer na rua, se a legalidade não nascer da informalidade e na periferia, e não se sustentar com base em razões capazes de mobilizar os debates públicos, como falar-se em legitimidade democrática?**

# Um grande Nosso Plano de Carreira começa a nascer **passo**

**Daniel Campos e Thais Assunção**

Vivemos a expectativa de dar um grande passo em direção a uma carreira que valorize e motive os servidores, e também organize as relações de trabalho existentes dentro dos tribunais e ramos do MPU. Para tanto, o planejamento e o desenvolvimento de um Plano de Carreira passam a ser, cada vez mais, condições necessárias para se alcançar melhores condições de trabalho e maior qualidade de vida para os servidores do Poder Judiciário e do Ministério Público. Afinal, ter uma carreira que atenda aos seus interesses é uma questão de atitude e empenho, não um presente vindo dos céus. Para dar início a essa busca é necessário saber o que se pretende com uma carreira. De uma forma mais direta: o que você quer?

A resposta para essa pergunta parece simples, mas não o é. Isso porque ela envolve inúmeras vontades e visões diferenciadas, que devem ser levadas em conta. Consciente disso e procurando conhecer suas reivindicações, idéias e sugestões para a composição de um Plano de Carreira, o Sindjus levou até você essa discussão. Durante o mês de agosto, seminários em todos os tribunais e também no âmbito do MPU, além de tirarem suas dúvidas em relação ao tema, contribuíram para o enriquecimento desse plano que será estruturado nacionalmente. Daí a importância de você abraçar esse processo de fomen-

tação. Se ficar de braços cruzados, servidores que desconhecem a sua realidade irão decidir por você.

Observe que vivenciamos um dos momentos mais importantes para que possamos saborear essa conquista. Para um plano de carreira ser eficiente, antes de qualquer coisa, é preciso colocá-lo no papel. É preciso colocar no papel

estratégias claras que nos permitam produzir uma luta consistente. Por isso, os seminários tem a função de estimular o auto-conhecimento da categoria. É hora de conhecer as aspirações próprias e alheias, de modo a aprimorar uma realidade coletiva a partir do testemunho das necessidades e expectativas individuais.





Debate na Procuradoria Geral da República: processo democrático

FOTOS: ARTHUR MONTEIRO



## Democracia de idéias

Para o coordenador-geral do Sindjus, Roberto Policarpo, o sindicato, de forma democrática e plural, alimenta-se das opiniões dos associados para obter subsídios e dar direcionamento à luta. “O plano aprimorará a carreira de todos, então é importante saber o que a categoria está querendo, profissionalmente falando, para os próximos anos. A base de nosso plano é o planejamento. Para isto, será necessário traçar objetivos e metas a serem alcançadas a curto, médio e longo prazos e definir um cronograma de ações a serem realizadas”. O analista judiciário do STF, Fernando Fernandes Nunes Pereira, concorda com Policarpo na realização deste processo democrático: “O sindicato desempenha um papel perfeito. Com iniciativa, consegue ouvir e entender nossos desejos”.

Luiza: “As propostas serão claras.” Fernando: “O Sindicato nos ouve e entende”

A analista judiciária do STF, Luiza Gallo Pestano, reafirma o ponto de vista de seu colega: “Acho ótima a iniciativa do Sindicato de trazer a discussão do Plano de Carreira até nós. A discussão está começando pela base. Quando formos apresentar as propostas ao Presidente, serão propostas claras e esclarecidas”. Isso porque a discussão agora não gira em torno somente dos salários, a categoria quer entender o processo pelo qual permeia a carreira do servidor no Poder Judiciário.

Como a luta para a viabilização do Plano de Carreira deve ser longa e árdua, a exemplo do caminho trilhado pela aprovação dos Planos de Cargos e Salários, o Sindjus convidou os diretores-gerais dos Tribunais Superiores e o secretário-geral do MPU para participarem dos seminários, no intuito de iniciar um processo de sensibilização. Desde já é importante que a administração tenha conhecimento das mobilizações, propostas e discussões da categoria.

# Várias lutas em uma

Crescimento profissional, definição de atribuições, luta contra o desvio de funções, combate à terceirização, redução da jornada de trabalho, informatização, escolha de critérios para ocupação de Função Comissionada e Cargo em Comissão e melhor remuneração foram alguns dos temas que estiveram em pauta durante os seminários. Policarpo iniciou os seminários respondendo à seguinte pergunta: por que discutir plano de carreira? De forma didática, o coordenador-geral foi demonstrando que, nem no Judiciário e nem no Ministério Público, temos atribuições definidas para cada cargo ou mesmo distinção entre graus de responsabilidade à medida que avançamos na carreira.

Hoje, na maioria das situações o servidor de nível médio faz a mesma tarefa que um analista. Da mesma forma, o servidor que acabou de entrar faz o mesmo serviço daquele com quinze anos na carreira. Isso desestimula o servidor. Em seguida fez uma

análise dos PCSs, uma avaliação da carreira dos servidores e lançou o desafio de criar uma verdadeira carreira para os servidores do Judiciário e do Ministério Público. “Queremos que as pessoas optem pelo Judiciário e pelo Ministério Público, façam carreira e que, com essa dedicação, possam atender melhor a população”, ressalta Roberto Policarpo.

Para a secretária de Recursos Humanos do STJ, Kátia Bessa, o debate é fundamental para o futuro dos servidores. “Acho oportuna a discussão do plano de carreira, que é um espaço que se abre para reflexões sobre vários pontos e o momento certo para o servidor mostrar que tem atitude”. Satisfeito com os primeiros resultados, mas almejando uma participação maior dos servidores, daqui até o final do ano, os debates serão intensificados, com mais atividades e mobilizações.

A revisão da carreira é uma luta histórica do Sindjus, que remonta o seu nasci-

mento. Desde 1990, o Sindicato busca formular propostas capazes de corrigir as muitas distorções que prejudicam os servidores. Sem deixar a chama deste desejo se apagar, foram criadas, ao longo dos últimos anos, várias comissões para elaborar anteprojetos de lei sobre o assunto. No entanto, só com o amadurecimento conseguido nessa trajetória de três PCSs foi possível apostar nessa luta. Hoje temos condições de projetar o amanhã com base na nossa experiência vitoriosa. Por isso, o Plano de Carreira está nascendo.

Já estamos perto de chegar aos primeiros resultados palpáveis dessa luta. Isso porque, após os debates, foram formados grupos de trabalho em todos os órgãos. Esses grupos tiveram o objetivo de coletar todas as propostas apresentadas pelos servidores e apresentá-las ao Sindicato no último dia 27 de agosto. O intuito dessa medida foi o de reunir a produção de todos os grupos para fechar uma proposta de Brasília, apresentada na reunião da Fenajufe, realizada nos dias 30 e 31 de agosto.

ARTHUR MONTEIRO

Kátia Bessa no debate do STJ: “Discussão oportuna”



# PRINCIPAIS TEMAS EM DEBATE

## ASCENSÃO FUNCIONAL

Um dos pontos mais comentados nos debates é o que diz respeito à ascensão funcional. Para o sindicato, o Plano de Carreira visa fortalecer essa luta histórica do sindicato. O diretor-geral do STF, Alcides Diniz da Silva, apóia o Sindjus e o retorno da ascensão funcional: "como servidor de carreira, estou preocupado com a vida funcional do servidor e declaro apoio integral às ações do sindicato. Já é hora de debatermos questões relativas ao servidor. Antes só discutíamos tabela, mas hoje temos interesse sobre a ascensão funcional, tema importante, que deve ser retomado".

Seguindo o mesmo raciocínio, o diretor-geral do STM, Moisés Francisco de Sousa, também apóia o retorno da discussão sobre ascensão funcional: "Os PCSs, conquistados com muita luta pelo Sindjus, afastaram o fantasma do nepotismo e aperfeiçoaram nossa carreira. Agora temos que lutar pelo retorno da ascensão funcional".

O consultor em gestão de cargos, carreira e remuneração e professor do curso de Gestão de Pessoas da Fundação Getúlio Vargas, Angelino Rabelo dos Santos, diz que, na prática, poucos são os planos de cargos, carreiras e remuneração de organizações públicas em que se verifica um criterioso e essencial planejamento do processo. E frisa que é nisso que devemos nos concentrar para ter sucesso nos principais pontos desse plano, como o que trata da ascensão funcional.

"O parlamentar constituinte de 1988, ao tomar a decisão de retirar da Constituição Federal a palavra 'primeira' na investidura em cargo público, teve a intenção, àquela época, de coibir os chamados 'trens da alegria', que aconteciam em vários órgãos públicos, inclusive no Poder Judiciário. Entretanto, essa decisão do poder legislativo, que foi ratificada pelo Poder Executivo, inviabilizou a possibilidade de carreira no setor público", comenta o professor.

"Eu defendo a ascensão funcional, em

vista da possibilidade de realizar concursos públicos mistos - feitos em igualdade de condições com fundamentação técnica, lisura, transparência e imparcialidade - de maneira que um pequeno percentual das vagas existentes nos quadros de pessoal sejam reservadas aos servidores públicos, que vêm, por longas décadas, trabalhando com competência e comprometimento organizacional", explica Angelino.

O professor explica que o provimento derivado de cargos públicos é fato em vários países da Europa, da Ásia, da América do Norte e até mesmo da América do Sul. "Esse é, verdadeiramente, um paradigma a ser quebrado no setor público, onde se fala e até pratica a gestão por competência. Essa agenda, de relevante interesse para as organizações públicas e seus servidores, está posta no Congresso Nacional, com o apoio de vários parlamentares. Portanto, a luta do Sindjus pelo aprimoramento da carreira dos servidores que representa é legítima e coerente", salienta.

## ATRIBUIÇÕES

Esse é um item considerado fundamental para os servidores, já que a definição das atribuições tem o objetivo de frear a constante tentativa dos tribunais de burlar a Constituição e terceirizar serviços essenciais. Para combater pela raiz o mal causado pelos desvios de função, devemos trabalhar pela definição das atribuições. Os debates externaram a necessidade de definir o que faz cada cargo, regulamentando as atividades exercidas.

## Atualização salarial

De acordo com o aumento de outras carreiras do Poder Executivo, de atribuições semelhantes à nossa, a discussão passa pela construção de uma política de atualização salarial, de acordo com o teto constitucional, hoje em R\$ 24.500. Embora esse salário seja pago aos mais altos cargos, precisamos adotar um teto que permita a nossa valorização.

## CRITÉRIOS PARA FUNÇÃO COMISSIIONADA E CARGO EM COMISSÃO

Precisamos definir critérios para ocupação de Funções Comissionadas e Cargos em Comissão, de modo que o reconhecimento da competência pelo trabalho prestado seja priorizado em relação à indicação política. Dessa forma, o servidor se sentiria motivado a se preparar para ocupar as funções, aperfeiçoando sua formação e qualificação. Além de lutar pela impessoalidade nestas nomeações, precisamos revisar a questão do pagamento das FCs.

## PROMOÇÃO POR MÉRITO

Esse tema consiste em adotar a promoção por mérito, além da realizada por antiguidade. Isso já ocorre em várias outras carreiras públicas com sucesso. A promoção por mérito tornará o servidor mais pró-ativo, pois buscará qualificar-se, alcançando mais qualidade de vida.

## QUALIFICAÇÃO

A proposta aqui é melhorar o que foi conquistado, aumentando-se o percentual pago hoje e retirando os entraves criados durante a regulamentação.

## A vitória depende de você

As propostas apresentadas ajudarão a formar um anteprojeto que deve ser finalizado até novembro de 2008. Segundo o sindicato, não há tempo a perder, visto que a última parcela do III PCS será paga em dezembro. E é bom não se esquecer que, além dos temas específicos citados no parágrafo anterior, a discussão traz a necessidade de atualizações salariais para o próximo período. Dessa forma, todo empenho se faz necessário. O técnico judiciário do TRF Geraldo Magela sintetiza esse chamado: "O Sindjus mostra cada vez mais interesse em nos ajudar. Mas isso não é possível sem a participação ativa dos servidores", ressalta.

Quem perdeu a oportunidade de participar dos seminários ainda pode colaborar com a construção do Plano de Carreira. Acompanhe os novos eventos em nosso site ([www.sindjusdf.org.br](http://www.sindjusdf.org.br)). Se você tiver alguma sugestão, envie um e-mail para [planodecarreira@sindjusdf.org.br](mailto:planodecarreira@sindjusdf.org.br). Sua participação é decisiva para o futuro da categoria.

# O que falta é planejamento

Especialista em políticas públicas e gestão governamental, Gilberto Guerzoni Filho nasceu em Formiga, Minas Gerais, em 1957. Mestre em ciência política e doutor em história social, publicou 33 obras, entre livros e artigos científicos. O mais recente é o artigo *Diagnóstico e perspectivas da política de recursos humanos na administração pública brasileira*, escrito no ano passado. Guerzoni falou à Revista do Sindjus sobre o plano de carreira dos servidores.

## Qual a distinção entre plano de cargos e salários e plano de carreira?

No plano de cargos temos uma organização de cargos em escala remuneratória. Um plano de carreira, em tese, deveria ter classes, funções e atribuições vinculadas a cada classe.

## Há algum órgão do serviço público com um plano de carreira que efetivamente funcione?

No Brasil, na prática, não há carreiras organizadas no serviço civil; talvez o único plano de carreira seja o da diplomacia. Nessa área, podemos ver como seria organizado um plano de carreira: o servidor assume como terceiro secretário, com funções específicas desse cargo. Num complexo sistema de promoção, é promovido a segundo secretário e exerce funções também exclusivas do cargo.

## Existe diferença entre o plano de carreira do Senado e do Poder Judiciário e MPU?

Eles são muito semelhantes; existe uma escala de remuneração em relação a certos tipos de padrões. Os servidores são promovidos dentro desses padrões. É comum até ocorrer promoções extraordinárias; por um

ato administrativo ou legislativo, o servidor “pula de cargo”. Tanto os planos de carreira do Congresso quanto os do Judiciário e MPU têm a idéia de cargo único, mas, na prática, ele não é único e nem deve ser. Temos os cargos de nível superior, como analista, e os de nível médio, como técnico. O cargo é a especialidade. Claro que temos cargos mais genéricos, como aqui no Senado, onde existem analistas de processo legislativo. Mas a noção de carreira não existe se nós temos um único cargo e, dentro dele, atribuições diversas. Isso mostra que não há organização.

## Há diferença de atribuições entre um servidor que ingressou agora no Senado e um que trabalha há mais tempo?

O servidor é admitido e promovido a cada ano, por merecimento ou antiguidade. A cada dois anos ele passa por um sistema de avaliação, até chegar ao nível mais alto da carreira. Isso não é uma peculiaridade do Senado; essas formas de promoção e progressão são bastante soltas, não há uma rigidez, uma regra fechada. No serviço público, dificilmente os servidores são promovidos com base em tempo de

serviço ou com poucas exigências.

Praticamente não há diferenças entre as funções de um servidor novo e um mais antigo. O servidor que assumiu agora vai exercer as mesmas funções de outro em final de carreira. Não é incomum que um iniciante vire chefe de colegas com mais de 15 ou 20 anos de casa. A única restrição é que, aqui no Senado, há uma vedação quanto a exercer cargo comissionado durante o estágio probatório.

## Quais as funções desempenhadas especificamente por um técnico administrativo e um analista administrativo, no Senado?

Na prática, hoje essa diferença é muito pequena. A tendência é que as carreiras de nível médio sejam extintas. Antigamente, os analistas necessitavam de apoio de técnicos para exercer determinadas funções. Hoje, essa prática caiu muito; o analista faz todas as etapas, não precisa de alguém para datilografar seu trabalho nem para usar o carimbo. Pela nossa experiência aqui, não dá para distinguir um servidor de nível médio e um de nível superior.

Algumas categorias já exigem nível superior para funções que antes eram de ní-

“ No Brasil, na prática, não há carreiras organizadas no serviço civil; talvez o único plano de carreira seja o da diplomacia. ”



ARTHUR MONTEIRO

## “ Padecemos de falta de planejamento estratégico. É preciso definir que tipo de serviço público o governo procura. Não se sabe aonde se pretende chegar. ”

vel médio. Isso tem ocorrido na Receita e na Polícia Federal. Com o nível superior, os órgãos podem justificar o pagamento de uma remuneração maior. A tendência atual é exigir curso superior para todas as categorias e reduzir o número de pessoas com escolaridade média.

**Existem algumas categorias que adotaram os subsídios como forma de pagamento. O senhor acha isso bom ou ruim?**

É difícil dizer objetivamente se é bom ou ruim. Primeiro, porque o subsídio é uma coisa nova, criado pela Emenda 19 há dez anos. Sua aplicação, principalmente para os servidores, é muito recente. O subsídio foi instituído como modelo originalmente para agentes do poder, magistrados, ministério público e parlamentares; sua extensão aos servidores começou há menos de dois anos. É importante ressaltar que a norma nova é sempre um risco. Não sabemos como será interpretada.

Há um debate para que uma série de outras carreiras sejam remuneradas com

subsídio. Existem vantagens e desvantagens. Do ponto de vista organizacional, a vantagem é que com o subsídio não haverá um contracheque de duas páginas, nem uma legislação que se sobrepõe a outra. O contracheque será mais transparente. O subsídio também pode ser considerado uma vantagem para os servidores que têm direito à paridade. É uma vantagem daqueles que eram servidores até 2004; depois da Emenda 41 não há paridade. Os inativos têm tido problemas com a paridade, porque recebem só uma parte da gratificação por desempenho, ou nenhuma.

**O plano que pretendemos construir para o Judiciário e o Ministério Público deve tocar em temas como definição de atribuições e aumento de responsabilidades ao longo da carreira. Isso ocorre no Senado?**

Isso é típico de uma carreira; ela traz responsabilidades. No entanto, essa não é a regra. Hoje, no Senado, não existe atribuições para cargos. O servidor que está no padrão inicial tem as mesmas ativida-

des de um que está no cargo há muito tempo. Muda só a responsabilidade de cada um. Na nossa cultura organizacional, é proibido um servidor em início de carreira assumir responsabilidades altas, mas não é isso o que tradicionalmente ocorre. Às vezes, uma pessoa que acabou de chegar é alçada da forma mais alta.

**De um modo geral, como o senhor vê a situação atual dos servidores públicos?**

Em alguns aspectos, do ponto de vista da remuneração, hoje há uma situação boa para o servidor. A categoria atingiu um patamar de remuneração elevado, e o atual governo tem uma política de aumento. Por outro lado, padecemos de falta de planejamento estratégico. É preciso definir que tipo de serviço público o governo procura. Não se sabe aonde se pretende chegar. Há um grande aumento de despesas com pessoal, principalmente no Executivo, quando comparado ao Legislativo e ao Judiciário. Pode-se dizer que o Executivo teve um crescimento muito grande.

# Pátria amada

*O brasileiro é crítico, faz piada, reclama, mas demonstra um inabalável amor pelo país*

**Usha Velasco**

“**R**ecebe o afeto que se encerra/Em nosso peito juvenil/Querido símbolo da terra/Da amada terra do Brasil...” Escrito por Olavo Bilac nos idos de 1906, o singelo Hino à Bandeira soa um bocado anacrônico hoje. O tempo se encarregou de aposentar a estética parnasiana de Bilac, mas teve efeito oposto sobre o apego do brasileiro à bandeira – uma paixão que parece crescer a cada dia.

Símbolo máximo da pátria, a bandeira verde e amarela (ou “auriverde pendão de minha terra”, como escreveu o poeta romântico Cas-

tro Alves, em 1868) está em todas. Colore roupas, bolsas, bijuterias, louças, panos de prato, toalhas de banho, biquínis. Aparece em carroça de catador de lixo e em vidro de carro de luxo. Enfeita a fachada de casas, escolas, instituições, lojas. E ainda faz as vezes de logomarca dos mais diferentes empreendimentos.

O nome e as cores do país fazem sucesso no comércio. Uma rápida conferida na lista telefônica do DF revela: Empada Brasil, Brasil Cartuchos de Impressão, Sabor Brasil, Brasil Sabor, Brasil Corretora de Seguros, Brasil Esporte Clube, Pátio Brasil Shopping, Brasilcom Materiais de Limpeza, Brasileirinho Café, Academia Cia Brasil, Supermercado Brasil, Brasil Persianas, Brasil Motos... A lista é interminável.

O brasileiro é crítico, faz piada, reclama, ridiculariza – mas demonstra um inabalável amor pelo país. Desigualdades abissais, fome, analfabetismo, mortalidade infantil... Nada disso diminui a disposição para vestir a camisa verde e amarela. Essa curiosa relação afetiva está presente em todas as classes sociais – mas chama especial atenção entre as pessoas que o Brasil mais maltrata, as que têm menos acesso a direitos elementares como saúde, educação, emprego, moradia.

“Toda nação, para se construir, precisa do sentimento de pertencimento”, afirma a cientista social Mariza Veloso. “Essa noção, também chamada de sentimento de filiação, é transversal a todas as classes sociais. Para muitos, trata-se quase de uma reivindicação: ‘Sou pobre mas sou brasi-

Colégio público  
Setor Leste:  
infra-estrutura  
precária, mas  
capricho na pintura  
verde e amarela



FOTOS: USHA VELASCO



Bar na 412 Sul: calçadas esburacadas e precariedade dos serviços públicos não diminuem a empolgação pelos símbolos nacionais

leiro. Pelo menos isso eu tenho”, diz.

Antropóloga, socióloga, professora da Universidade de Brasília e do Instituto Rio Branco, Mariza Veloso explica que o sentimento de pertencer à pátria é construído historicamente: “Os valores fundamentais que o determinam são a língua, o território, a bandeira e as cores nacionais. Eles ajudam a traçar uma idéia de totalidade e de identidade nacional.”

Segundo Mariza, outros fatores

formadores dessa idéia de identidade são costumes como, por exemplo, levar as crianças para ver a parada de sete de setembro. “Esse é um ritual onde a sociedade conta uma história para si mesma, e onde as novas gerações internalizam o sentimento cívico.”

O esporte também tem um papel importante no sentimento de pertencimento ao país, especialmente em momentos de grande cobertura da mídia, como a Copa do Mundo ou as Olimpí-

adas. Mas não são as vitórias que ajudam a solidificar o amor à camisa verde e amarela. Segundo Mariza Veloso, “o esporte aciona um mecanismo de ‘nós contra eles’. Quando há necessidade de fortalecimento diante de um time adversário, desaparecem, por exemplo, as piadas regionalistas sobre baianos, paulistas ou gaúchos. A sociedade adota temporariamente uma homogeneidade de valores e culturas que, na verdade, não existe.”



À direita, Werlen e Marcelo, 17 anos: camisa verde e amarela faz parte do dia-a-dia. Abaixo, pracinha numa superquadra: a bandeira enfeitada



## “Eu me orgulho da minha vida”

Os amigos Werlen Vieira de Souza e Marcelo Duarte lavam carros no estacionamento de um prédio comercial da W3 norte. Os dois adolescentes de 17 anos trabalham literalmente de sol a sol: das sete da manhã às sete da noite, de segunda a sábado. Moram com suas famílias, e o dinheiro ganho ajuda nas contas da casa.

Werlen conta que cursava a sétima série no Centro de Ensino Fundamental 01 do Paranoá, mas, por faltar demais, acabou perdendo o ano e a vaga: “Eu queria estudar, mas é difícil, tem muita gente para pouca vaga. As escolas são poucas. Fiquei sete horas na fila e quando chegou a minha vez, não tinha mais.”

A vida de Werlen não é fácil, mas isso não tira o sorriso do seu rosto nem sua empolgação ao avaliar o país: “O Brasil, para não dizer que é perfeito, é muito bom”, exagera. O que tem de tão bom? “Ah, futebol, mulher...” arrisca ele. Marcelo ajuda: “Pessoas alegres, pes-

soas que gostam de conversar...”

E o que tem de ruim no país? “Ah, o lado ruim é até triste de pensar”, diz Werlen. “Nem sei o que respondo”, completa, com o sorriso sumindo. O amigo Marcelo concorda: “Do Brasil, prefiro só pensar no lado bom. Usar essa camisa verde e amarela me deixa mais empolgado, me faz lembrar da seleção, das vitórias.”

Marcelo parou de estudar na sexta série, que cursava no Centro de Ensino Fundamental 02, também no Paranoá. Ele conta que, apesar de trabalhar duro, às vezes sofre com o preconceito alheio: “Tem gente que desfaz de nós só por causa da nossa profissão.”

Marcelo e Werlen usam a camisa com as cores do Brasil quase todos os dias. “Quando não estou com a do Brasil, estou com a do São Paulo”, ri Werlen. “Uso verde e amarelo porque tenho orgulho de ser brasileiro”, afirma ele: “Eu me orgulho da minha vida. Só estar vivo já é uma vitória.”



Joilson: "Não acredito muito nessa conversa de que no Brasil tudo é difícil demais"

## Valores em construção

Os valores que ajudaram a enfatizar o sentimento de pertencimento ao país foram historicamente construídos por pensadores, escritores e intelectuais, ligados ou não ao Estado. De acordo com Mariza Veloso, as estratégias para essa construção diferem de acordo com o período histórico: "Desde a independência, em 1822, houve um esforço da elite nesse sentido, como se nota claramente nas obras de José de Alencar e de Gonçalves Dias, para citar apenas dois exemplos", explica.

Em seguida, esse esforço passou para o campo das ciências sociais, quando o imperador D. Pedro II criou o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1838, assim como uma série de outras instituições culturais e científicas.

"Esse esforço em contribuir para a formação de uma identidade nacional permaneceu presente ao longo de todo o século 19 e 20", afirma Mariza.

Segundo a professora, um dos momentos mais interessantes na construção da identidade brasileira foi o modernismo, que surgiu em 1922: "Antes, havia simplesmente a visão de um país de 'raça mestiça'. Foram os modernistas que introduziram a noção de cultura brasileira, riquíssima, formada por uma multiplicidade de culturas e etnias. Eles trouxeram para o cenário cultural brasileiro os negros, os índios e os imigrantes, com todos os seus legados", conta ela.

Na virada do milênio aconteceu um processo interessante: "Alguns

autores renunciaram o enfraquecimento da idéia de nação, por causa da globalização. Mas o que aconteceu foi justamente o contrário; essa idéia se fortaleceu, como uma espécie de reação ao processo globalizante", afirma Mariza. Depois disso, a temática da identidade nacional voltou com toda força. "Começou a se falar cada vez mais em memória social, memória coletiva, patrimônio cultural, patrimônio intangível. Aos poucos, as políticas públicas começaram a acompanhar esse processo. Mas, agora, é a diversidade do Brasil que está em pauta, não a unidade; nossa unidade, em uma perspectiva antropológica, é formada justamente pela nossa diversidade", explica.

## "Quem batalha consegue"

Joilson Pereira Dias, 18 anos, vende jornal no Eixo Monumental das sete da manhã ao meio-dia. "É um trabalho muito ruim", queixa-se, "ainda mais para quem já estudou e fez vários cursos." Interessado em ter uma boa formação profissional, ele fez cursos de garçom, de secretariado e estagiou na biblioteca municipal da Cidade Ocidental, onde mora com a família.

"Repeti duas vezes o primeiro ano do ensino médio, mas não desisti de estudar", conta. "Às vezes é difícil ir para a escola cansado, depois do trabalho. Mas é preciso", conforma-se ele. Aluno do Colégio Estadual da Cidade Ocidental, mesmo com a rotina puxada o adolescente não quer abrir mão de trabalhar: "Preciso ganhar o meu dinheiro. É muito chato ter que ficar pedindo para a minha mãe".

Se pudesse escolher, Joilson trabalharia em quê? Diante da pergunta, ele fica pensativo, com os olhos longe. Hesita muito, parece ter dificuldade em sonhar. Poder escolher talvez seja uma situação abstrata demais. Realista, acaba respondendo: "Eu escolheria trabalhar como garçom, porque fiz um bom curso e me sinto qualificado para isso."

Sobre seu país, o articulado garoto tem opiniões bem definidas: "Não acredito muito nessa conversa de que no Brasil tudo é difícil demais. A vida é difícil sim, mas quem batalha consegue. Eu mesmo gosto de desafios. Eu vou à luta." Usa sempre a camisa verde e amarela? "Uso bastante. Gosto muito de andar com a camisa do Brasil. É o meu país e eu tenho orgulho dele, com problemas ou sem."

## Brasileiro com todo prazer

Um curioso veículo está estacionado há semanas no Eixo Monumental, próximo à Torre de TV, bem no centro de Brasília. É o Mini-Circo Palhaço Plim Plim, com a lona dobrada e empilhada no teto de um ônibus tão desconjuntado que é difícil imaginá-lo rodando. Mas na frente da lataria, logo acima dos faróis, tremulam duas bandeiras do Brasil.

O proprietário do circo, José Carlos Santos Silva, também conhecido como Palhaço Plim Plim, é "brasileiro com todo prazer", como faz questão de ressaltar, "e pernambucano da cidade de Carpina, com muito orgulho". Ele conta que está "há vinte anos só amando uma profissão": a de artista. Há meses saiu de Pernambuco com a esposa, a filha, a enteada e o primo. "A família se desfez no caminho", lamenta;

"minha mulher e as filhas foram embora". Ficou só o primo, além de um galo e uma galinha que eles ganharam de presente no trajeto.

"A galinha põe ovos todo dia e o galo acorda a gente de manhãzinha", conta José, satisfeito. Sorridente e falante, não demonstra ser do tipo que desanima com as dificuldades. "Meu sonho é rodar o meu Brasil inteiro com esse ônibus", diz, apontando o duvidoso veículo, que ele pretende reformar até o final do ano.

Sobre o Brasil, José tem ao mesmo tempo queixas e orgulho: "É tudo meio difícil, não recebemos apoio para a cultura, e ainda ficamos vendo no jornal as pessoas roubando sem serem punidas", reclama. "Mas eu não saio daqui para lugar nenhum do mundo. Eu amo o meu país. E amo Pernambuco", apressa-se a dizer.

José Carlos fez questão de posar com a camisa de Pernambuco: "Não saio daqui para lugar nenhum do mundo. Eu amo meu país"



FOTOS: USHA VELAÇO

A large, bold, black number '1' with a white outline, positioned on a white rectangular panel. The background of the entire page is a collage of US dollar bills, including a five-dollar bill on the left and a twenty-dollar bill on the right.A large, bold, black number '3' with a white outline, positioned on a white rectangular panel.A large, bold, black number '2' with a white outline, positioned on a white rectangular panel.

# A cultura do pódio

TT CATALÃO

De novo o mundo entra na celebração da fúria em ser o primeiro, o recorde batido, a marca superada, a vitória a qualquer custo e consagra a competição em níveis simbólicos, além do campo esportivo: as olimpíadas não se tornaram tão olímpicas assim.

Competir está na raiz da natureza humana e as espécies sobrevivem nessa onda do farinha pouca meu não primeiro. Darwin explica mais que Freud. Ao olim

adaptados para o uso comercial civil.

Hoje um atleta de ponta precisa do talento óbvio, mas se torna quase previsível como produto trabalhado em laboratório, sob tal pressão e detalhismo de superação dos seu limites que entra como ser humano (diga-se em idade cada vez mais tenra) para virar um quase robô autista que só faz aquilo, só pensa aquilo, só vive aquilo. E aí do fracassar. Cai tudo. O

pirao primeiro: Darwin explica mais que Freud. As Olimpíadas, desde a tradição grega, assim como todos os jogos, consagram vencedores pela graça solene do competir. Afinal, qual seria o sentido de se ter um jogo para haver sempre empate?

A diferença nas olimpíadas atuais é a idolatria da vitória como marca de superioridade "também" política e cultural sobre o outro. E nesse desvio de manipulação do esporte a própria olimpíada deu uma rasteira histórica em Hitler, que pagou um mico monumental em 1936, com a vitória do negro norte-americano Jesse Owens, deixando na poeira os nazistóides amareloes da tal raça ariana "superior".

Na Guerra Fria, lembremos dos embates gigantescos entre o urso (antiga URSS) e a águia (EUA) com o pau comendo solto entre as duas Alemanhas, divididas em blocos dos velhos comunismo burocrático e capitalismo pseudo-messiânico. Por fora Cuba emplacava marcas espantosas por suas dificuldades em bloqueio e condições econômicas desproporcionais aos grandes. Uma espécie de sarro do bem nessa vitrine (palavra querida aos povos, quando se trata de jogos mundiais). O clichê infesta os sub-galvões buenos que breve estarão bradando brasiiiiiii, como se ocorresse um vazamento na pátria em chuteira e também ganhasse nadadeiras, saltadores, remadores, boxeadoes, etc.

O futebol é mais direto: são jogadores. Jogam. Nas olimpíadas têm uma elegância no competir: são atletas. Desempenham. Isso não impede a evidência massacrante de outro desvio na vitrine: a coisificação do corpo submetido aos padrões de máquinas. Mais o império dos programas e tecnologias aplicadas sob fortunas de pesquisas corporativas que usam as olimpíadas como grife de lançamento ou campo de pesquisa. Na guerra se faz isso ao inverso, processos tecnológicos e de tecnologias são testados na eficiência da matança e depois

que seria humano na derrota com dignidade passa por cobranças e execrações torturantes de que meninas e meninos não conseguem se recuperar. Claro que processos tecnológicos são bem-vindos ao exercício cotidiano do desempenho humano. O alerta é a idolatria e a robotização pela marca.

Sempre é bom lembrar, lenda ou não, que os russos, ainda em 1958, elaboraram cálculos de probabilidades, gráficos e projeções para vencer o Brasil na copa da Suécia e, na primeira bola que Garrincha pegou, deu uma entortada de corpo para a direita (quando os planos indicavam a esquerda) e três russos se estabacaram no chão humilhados pela desestabilização da ginga sem programa do imprevisível Mané.

Para se ver como essas olimpíadas exacerbam o simbolismo do pódio da vitória desesperada a qualquer custo é só atentarmos ao quanto a China gastou para mostrar sua pujança ao mundo e propagandar a grandeza no estágio do desenvolvimento mundial. Ninguém vai contra estatísticas de PIB e saltos econômicos. Mas sempre se deve perguntar sobre os impactos ambientais e na natureza humana. Mao fez uma guerra de libertação contra a tirania. E a China pode ver sua vitrine entrar pela culatra ou pela cultura: poluição, cerceamento de liberdades individuais, controle de manifestações espontâneas, impiedosa repressão e policiamento do cidadão comum podem ficar mais evidentes do que tentaram ocultar. Enfim, dialeticamente, vão re-aprender que tudo tem duas faces. E se querem mostrar a pujança ficará evidente a fraqueza. Como a vida que revida quando é maltratada. Só não explodiu antes porque a grana dos patrocinadores ocidentais não deixaria entornar o caldeirão de contradições. E o pódio, assim como ódio, tem lá a sua força. Embora vença aparentemente, logo caem as máscaras. Mesmo as mais caras.

# Você é patriota?

*De onde vem o sentimento de amor à pátria? O brasileiro, apesar das dificuldades, tem orgulho do seu país?*

O patriotismo é uma manifestação de amor aos símbolos do país, como o hino e a bandeira. Já o nacionalismo é a valorização, a aproximação e a identificação do indivíduo com a nação; envolve a defesa dos interesses da nação contra processos de destruição ou transformação da identidade nacional, sobretudo nos campos lingüístico e cultural. O que o brasileiro pensa sobre seu próprio país? Somos patriotas? Somos nacionalistas? Veja as opiniões dos servidores.

FOTOS: ARTHUR MONTEIRO



Moramos em um país maravilhoso, do ponto de vista cultural e ambiental. Mas a desigualdade social é terrível. Acho que os brasileiros merecem uma oportunidade para acabar com a desigualdade e a miséria. Os governantes deveriam administrar melhor e povo fazer a sua parte, para o Brasil chegar lá.

**Jonas Raimundo S. Lopes,**  
técnico judiciário do STM

Eu sou patriota; acredito que o brasileiro, em geral, também seja. Somos otimistas por natureza. Infelizmente os governantes não dão a atenção necessária à sociedade. Eu procuro acreditar sempre no país. Já tive oportunidade de viajar, conhecer outras culturas, mas sempre senti muita saudade do meu país. Jamais trocaria o Brasil por outro lugar.

**Catarina Vaz da Costa,**  
analista de sistemas do MPF

Estudei em escola militar; meu pai era militar e eu fui criado com um patriotismo bem presente. Acho que o brasileiro está esquecendo o país no dia-a-dia. As pessoas só lembram que são brasileiras em Copa do Mundo ou jogos olímpicos. Meu filho de dois anos já conhece a bandeira do Brasil; procuro ensinar a ele, desde cedo, o valor do seu país.

**Humberto Oliveira Nunes Filho,**  
analista judiciário do STF

Sou patriota, acho que todos os brasileiros têm esse sentimento aguçado e forte. Adoro o meu país, ele é maravilhoso. Jamais trocaria o Brasil por outro lugar. Mas acho que os governantes poderiam dar mais atenção para o lado social, isso faria toda a diferença.

**Alaíde Rodrigues de Almeida,**  
técnica judiciária do STM



Acho que a consciência de patriotismo vem de uma consciência nacional maior. Hoje a noção é de que tudo que é público é do governo, mas somos nós os donos. O desenvolvimento social do país precisa ser maior, as pessoas têm que ter acesso à cultura, lazer e educação.

**Márcio Henrique Menezes Andrade, técnico jud. do STF**



Tirando as classes mais pobres, não acredito que as pessoas que compõem as demais camadas sociais sejam patriotas. Acho que a esperança une as classes menos favorecidas e acredito que o sentimento de patriotismo é mais forte nessas classes, talvez pela falta de alternativas e oportunidades.

**Adriana Meneses, técnica judiciária do TSE**



O povo brasileiro é muito persistente; é um povo trabalhador e honesto, que acredita que o país pode melhorar cada vez mais. Eu também acredito que o Brasil é um ótimo lugar para se morar e criar uma família.

**Eliezer Pereira dos Santos Silva, técnico judiciário do TSE**



Meu pai era militar, fui criada num ambiente patriota; minha formação foi voltada para a identificação com meu país. Mas não acredito que o brasileiro tenha esse sentimento forte. O povo valoriza mais o produto externo ao nacional. Também utiliza incorretamente sua própria língua, preferindo estrangeirismos.

**Patrícia Viana, técnica judiciária do STF**



Acho que o povo brasileiro tem muita esperança e fé no Brasil. Esse sentimento une a todos. Parece que essa fé nos faz acreditar que um dia o país vai melhorar. O povo brasileiro é muito sonhador.

**Carlos Eduardo Fernandes da Costa, técnico jud. do TRT**



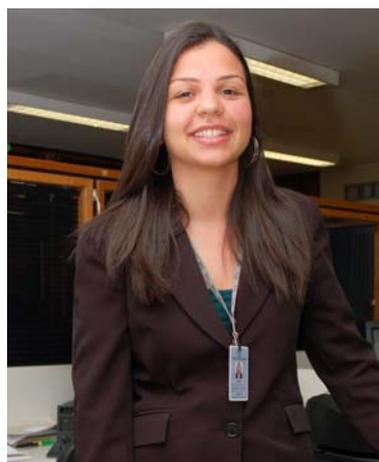
O brasileiro é muito otimista e ama sua pátria. Nossa diversidade cultural é muito rica, é maravilhosa. Em cada região do país encontramos algo diferente e admirável. O brasileiro acredita no país e não gosta que alguém de fora fale mal daqui. Isso é sentimento de patriotismo.

**Susan Carla Lavarine dos Santos, analista judiciária do TRT**



Acho que todos têm necessidade de viver em grupo e se identificar; por isso, temos esse sentimento de amor ao país onde nascemos, nos educamos e aprendemos a viver em sociedade. Acredito que todos os brasileiros são patriotas, talvez um pouco diferente da década passada, quando o nacionalismo era maior.

**Luiz Humberto Silva, técnico de apoio especializado do MPF**



Acho que a paixão pela cultura, pelos costumes e tradições faz com que o povo brasileiro demonstre cada vez mais amor pela sua pátria. Isso está acima de qualquer notícia sobre violência e corrupção. O brasileiro acredita no seu país.

**Isabela Noletto F. de Oliveira, técnica jud. do TSE**

# Na linha de frente

*Vanguardista e intelectual, Di Cavalcanti entrou para a história como o mais brasileiro dos pintores*

Brasília é um museu a céu aberto. Poucas cidades no mundo têm esse privilégio. Nas ruas, nos gramados, nas fachadas, no interior e no exterior dos prédios estão expostos trabalhos dos maiores artistas modernos brasileiros. São tantos que, muitas vezes, estão ao nosso lado e nem notamos. A cada edição, esta seção mostrará o trabalho de um artista. Este mês você vai conhecer um pouco da vida e da obra de Di Cavalcanti.

**D**i Cavalcanti inaugurou o modernismo no Brasil. Em 1922, aos 25 anos, idealizou a Semana de Arte Moderna, no Teatro Municipal de São Paulo – um marco que mudaria profundamente nosso panorama cultural.

À frente, desde cedo, da vanguarda artística, ele se tornou amigo dos grandes intelectuais brasileiros. Teve também forte ligação com Picasso, Matisse e Jean Cocteau, com quem conviveu em Paris, entre 1923 e 1926. Mas a influência do cubismo e a efervescência cultural européia da década de 20 não impediu que ele fosse celebrado como um pintor profundamente brasileiro, em seus mais de 60 anos de carreira. Isso se deve tanto aos personagens que escolheu retratar (gente do povo, trabalhadores e as famosas mulatas) quanto a seus traços e cores fortes, vibrantes e sensuais.

Emiliano Di Cavalcanti nasceu em 1897, no Rio de Janeiro. Estudou Direito em São Paulo e pintura em Paris. Membro do Partido Comunista, ao qual se filiou em 1926, sofreu duas

prisões por conta de sua militância, em 1932 e 1936. Foi indicado pelo presidente João Goulart para ser adido cultural na França, mas não assumiu por causa do golpe de 1964.

O artista morreu em 1976, aos 79 anos, com a certeza de ter o trabalho reconhecido no Brasil e no mundo. Viu seu cinquentenário artístico ser comemorado e suas obras serem expostas em duas retrospectivas (no MAM do Rio de Janeiro, em 1954, e no de São Paulo, em 1971). Aos 40 anos ganhou o primeiro prêmio internacional, em Paris, seguido por vários outros, conquistados nas mais concorridas bienais de artes plásticas.

Em 1959 Di Cavalcanti foi convidado por Niemeyer a criar obras para a nova capital; desenhou a tapeçaria do Palácio da Alvorada e pintou as estações da Via-Sacra, na Catedral de Brasília. Para a Câmara dos Deputados fez um enorme painel que representa a construção da cidade e homenageia os candangos; ele pode ser admirado no Salão Verde.





Estações da Via-Sacra (acima), na Catedral de Brasília. Na Câmara dos Deputados (abaixo), o enorme mural homenageia os candangos



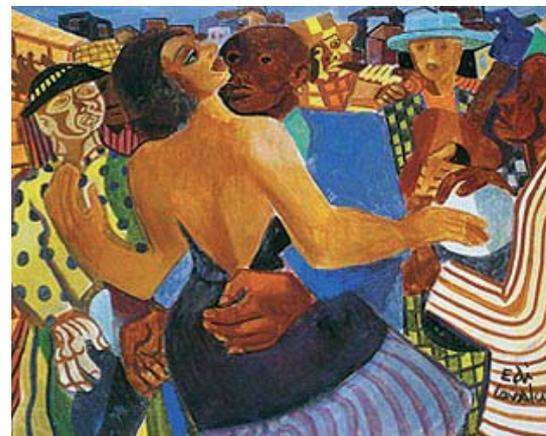
FOTOS: ARTHUR MONTEIRO

## Letras e tintas

O universo de Di Cavalcanti não se limitava às artes plásticas. Ele escrevia poesia e prosa; publicou dois livros e chegou a se candidatar à Academia Brasileira de Letras. Fernando Sabino fala sobre essa “dupla personalidade”: “Era o único artista plástico que freqüentava nossa roda de escritores. Quem o visitar hoje no seu apartamento na Rua do Catete compreenderá logo por quê. Para começar são dois apartamentos ligados pela área de serviço, completamente diferentes um do outro (...). Um abriga o pintor, o outro, o escritor.

(...) Este talvez seja, na história da arte brasileira, o único exemplo de grande pintor com formação cultural de um verdadeiro homem de letras. (...) Poderia ter-se tornado um grande escritor. (...) Em dia com as últimas novidades no mundo dos livros, faz questão de me presentear com um exemplar de *La Violence et le Sacré*, de René Girard. Depois me convida a passar ao outro apartamento. Seguimos por uma varandinha entre as duas cozinhas, deixando para trás o refúgio de Emiliano, este singular homem de letras. E penetramos no estúdio de Di Cavalcanti — esta grande figura humana que vem a ser um dos grandes pintores do nosso tempo.”

Fernando Sabino, *Roteiro Literário do Pintor*, Ed. Nova Aguilar, 1996.



A tela *Baile Popular*, de 1972 (acima), faz parte do acervo do Banco Central. Ao lado, um autorretrato em 1943

# Brasília, capital das corridas

*Boas condições da topografia, do clima e das pistas fazem da cidade um celeiro de atletas*

## Eunice Pinheiro

“**P**raticar corrida em Brasília é tão fácil que você já pode sair de casa correndo”, brinca o presidente do Clube de Corredores do Distrito Federal – CORDF, Fernando Antônio Soeiro. Não é à toa que, por ano, são realizadas cerca de 40 corridas no DF. E esse número

tem aumentado. Só para o segundo semestre de 2008 estão programadas, oficialmente, 37 competições.

Mas o que faz de Brasília um celeiro de corredores? O presidente da CORDF acredita que é um somatório de boas condições topográficas, clima e pistas. “Aqui, você pode correr apreciando as belezas naturais. Além dos parques, as próprias ruas da cidade oferecem boas condições, com calçadas e pistas de qualidade. Quem só anda de carro não percebe que em Brasília nós temos pistas para todo tipo de treinamento: planas, elevações moderadas e subidas íngremes.”

José Duílio Almeida Júnior, 38 anos, encontrou na corrida de rua uma forma de combater o preconceito. De corredor desprezioso ele passou a participar

de corridas, representando a ONG Vida Positiva, instituição que cuida de crianças portadoras de HIV e filhas de portadores. “Corro sempre com camisetas que trazem mensagens positivas e faço questão de me inscrever como representante da instituição”, explica.

Para o presidente da Associação Brasiliense de Corredores, Luiz Carlos Santana, Brasília é um celeiro de atletas. A ABC, que trabalha com a formação de atletas profissionais, já acompanhou o nascimento de grandes nomes. “Nosso trabalho é descobrir atletas. Geralmente, pegamos crianças que se destacam nos esportes e tentamos despertar nelas o amor pela corrida. Já trabalhamos com muitos talentos, mas, infelizmente, eles são levados por clubes ricos para o Rio e São Paulo”.

Lucélia Peres é um dos poucos corredores profissionais que permaneceram na cidade. Moradora do Paranoá, ela começou na ABC aos 13 anos de idade. Em 2006, conquistou o primeiro lugar na Corrida de São Silvestre. De lá para cá, muitos outros títulos foram conquistados. Não é difícil cruzar com ela em pleno treinamento, nas proximidades do Lago Paranoá.

### RECORDE

# 37

corridas estão oficialmente agendadas no DF para o segundo semestre de 2008

ARTHUR MONTEIRO

**Corredor no Parque da Cidade: o DF é um exportador de atletas para clubes do Rio de Janeiro e São Paulo**



ILKENS SOUZA/STI



## Corrida do Judiciário

No início era apenas um evento para o encontro de corredores do Superior Tribunal de Justiça. Pouco mais de 50 pessoas participaram. Hoje, a Corrida do Judiciário faz parte do calendário oficial de corridas do Distrito Federal. Em sua quinta edição, a expectativa dos organizadores é de receber 500 inscritos, de todos os órgãos do Poder Judiciário e Ministério Público.

“A Corrida do Judiciário já virou um evento tradicional em Brasília. Começamos com 57 inscritos, em 2002. Em 2006, já foram 340. É um evento importante, que reúne pessoas de diversos estados”, comenta Sartre Gonçalves Santos, um dos organizadores do evento.

As inscrições para a 5ª Corrida do Judiciário serão abertas no início de setembro. A corrida acontecerá durante a comemoração da Semana do Servidor no STJ, no dia 25 de outubro.

# Olimpíadas Sindjus

**M**esmo com os jogos olímpicos acontecendo do outro lado do mundo, o Brasil está impregnado com o espírito das Olimpíadas. Tanto que o Sindjus já está preparando as Olimpíadas do Poder Judiciário e Ministério Público. A idéia é realizar o evento no primeiro semestre de 2009. Portanto, atletas: preparem-se.

De acordo com o coordenador de Administração do Sindjus, Clede de Oliveira Vieira, o objetivo de transformar o já tradicional campeonato de futebol em uma competição mais ampla, com diferentes modalidades, visa incentivar a adesão de mais atletas. "É importante incluir as mulheres nessas atividades, pois nosso objetivo é promover a qualidade de vida para todos os servidores".

E não serão só as mulheres as incluídas, mas todos aqueles que praticam esportes olímpicos. As regras deverão ser definidas até o final do mês. Mas já está certo que as competições vão incluir natação, atletismo, vôlei, futebol, basquete e tênis.

Que os servidores da Justiça e do MPU se interessem pelo assunto, não existem dúvidas. Prova disso é o campeonato de futebol soçaite, mantido por sete edições. No ano passado, mais de 150 pessoas participaram, com dez times inscritos. Esse ano, eram esperadas muito mais. Com a suspensão dos preparativos para o campeonato 2008, os esforços agora serão direcionados para as olimpíadas do Sindjus. Portanto, há tempo para se preparar e, assim, garantir a medalha.



MARTIN BOULANGER



CHRISTOPHE LIBERT



JANUSZ GAWRON



CARLO SAN

*A maior riqueza do homem  
é a sua incompletude.  
Nesse ponto sou abastado.  
Palavras que me aceitam como  
sou – eu não aceito.  
Não agüento ser apenas um  
sujeito que abre  
portas, que puxa válvulas,  
que olha o relógio, que  
compra pão às 6 horas da tarde,  
que vai lá fora,  
que aponta lápis,  
que vê a uva etc. etc.  
Perdoai  
Mas eu preciso ser Outros.  
Eu penso renovar o homem  
usando borboletas.*

*Manoel de Barros*

Do alto dos seus 91 anos, o poeta Manoel de Barros ensina que o ser humano é incompleto, e que isso não é defeito; é qualidade. Assim como ele, muitas outras pessoas precisam ser Outras. E são. Esta coluna publicará mensalmente histórias de gente que concilia o serviço público com as mais diversas atividades. São atletas, chefes de cozinha, professores, pintores, mágicos, mecânicos, músicos... A lista não tem fim.

# Saúde para corpo e mente



O analista em informática do Ministério Público Federal (MPF), Antônio Yohinobu Kuwae, é conhecido como um homem de muitas faces, no bom sentido – aliás, no melhor sentido possível. Praticante de várias modalidades de atividades físicas, ele é um adepto da visão integral do ser humano, segundo a qual a saúde emocional, mental, física e espiritual estão intimamente ligadas: “O mais impor-

tante é cuidar da saúde antes de precisar ir ao médico”, afirma.

Foi pensando nisso que, há cerca de catorze anos, Antônio começou a estudar técnicas de massagem: queria aprender novas maneiras de cuidar da própria saúde e também de beneficiar os outros. Começou atendendo em domicílio; hoje, em sua lista, há nomes como Cláudia Raia, Fernando Henrique Cardoso e Elba Ramalho. “São tantos

nomes que me confundo. Mas eu prefiro esquecer que estou atendendo uma autoridade ou um artista famoso; eu me preocupo somente com a qualidade da massagem”, explica. Entre os vários cursos que Antônio realizou, na última década e meia, ele destaca os de acupuntura, massagem sueca e drenagem linfática. “Meus colegas de trabalho me procuram para marcar sessões de massagem e de acupuntura. Fico muito feliz por ser capaz de ajudar os outros”, diz.

Antônio também pratica Tai Chi Chuan, muitas vezes no próprio pátio do Ministério Público. Ele já tentou ensinar aos colegas de trabalho os mistérios dessa milenar técnica chinesa, que surgiu como uma luta marcial e atualmente é praticada como uma espécie de meditação em movimento. Mas, dos dez alunos iniciais, só restaram dois. “Acho que as pessoas trabalham demais e se preocupam muito pouco com a saúde. Isso não é nada bom”, lamenta ele.

Antônio participa também do grupo Requios, que tem como objetivo preservar a cultura e o folclore da ilha de Okinawa por meio do Eisá (estilo de dança muito popular na ilha). A coreografia mistura o som dos taikos (tambores japoneses) ao ritmo do shamisen (instrumento de corda); os trajes coloridos dos integrantes completam a beleza da apresentação.

Foi nessa ilha, localizada no sul do Japão, que nasceram os pais de Antônio Kuwae. Ele nasceu em Londrina, no Paraná, e veio estudar Processamento de Dados na UnB, em 1976. Gostou da cidade e resolveu ficar.

Aos 50 anos, Antônio se orgulha de estar em plena forma e de trabalhar com satisfação. “Estou sempre bem disposto no trabalho e na vida. Quero aprender cada vez mais; aprender faz bem para o coração e a mente. Ensinar Tai Chi Chuan e fazer massagens também é muito gratificante. Gostaria que todas as pessoas tivessem uma vida mais saudável e completa”, conclui.

ARTHUR MONTEIRO

Antônio Kuwae:  
Tai Chi Chuan  
no gramado



# Um horizonte amplo

*Ler amplia horizontes e renova nosso universo informativo. Mas, infelizmente, o brasileiro ainda lê muito pouco*

## Thais Assunção

A Câmara Brasileira do Livro apurou que os brasileiros lêem apenas um ou dois livros por ano – média muito baixa, se comparada à dos franceses (7, 8) e argentinos (3, 4). No Brasil há 5.567 municípios e 3.500 bibliotecas, segundo o IBGE; só em Paris, há cerca de duas mil. “No fim do século XIX Machado de Assis já observou, em sua coluna de jornal, que era espantoso o quanto os brasileiros liam pouco”, conta Robson Coelho Tinoco, doutor em Literatura Brasileira e professor da Universidade de Brasília.

Parte disso se explica pelo alto custo dos livros. Comparado ao salário-mínimo, o livro beira o inaccessível para os padrões brasileiros. Mas o problema

não se limita ao poder aquisitivo. “Livros são comprados pelo governo, mas não necessariamente lidos. Faltam políticas públicas de incentivo e de conscientização sobre a importância da leitura, sobretudo no nível familiar”, explica Robson Coelho.

Segundo ele, deveria haver uma articulação eficaz entre as políticas familiares promovidas pelo governo e políticas públicas de desenvolvimento do hábito da leitura. “Mas, como quase 40% da população brasileira não tem nem mesmo o hábito de usar escova e creme dental, a leitura corre um enorme risco de ser relegada a um subitem de projeto”, queixa-se Robson.

## Percepção do mundo

**Dad: ler ajuda a formar vocabulário, a estruturar a linguagem e a escrever corretamente**

Para Dad Squarisi, escritora e editora do jornal Correio Braziliense, o hábito da leitura deveria ser intrínseco ao ser humano, como uma maneira de se manter informado: “A leitura amplia o nosso universo lingüístico e informativo. Amplia também o nosso mundo, ajuda a criar idéias, a formar um vocabulário e uma estrutura de linguagem. Além disso, ensina a escrever corretamente as palavras”, explica.

Utilizada como exercício diário, a leitura, segundo Dad, nos torna mais confiantes: “Ler é fundamental para con-

versar e formular um ponto de vista. Deve ser um hábito diário, para conseguirmos agilidade e rapidez. Quanto mais lemos, mais nos tornamos exigentes, mais aumentamos o nosso leque de leituras. O indivíduo não precisa ler poesia, caso não goste; pode ler um jornal, um livro, uma revista, enfim, o que mais interessar. O importante é manter o hábito; quanto mais eu leio, melhor, maiores e mais amplos se tornam os meus horizontes”, conclui.

O publicitário Fábio Valgas, autor da monografia “A Importância da Leitura” afirma que “o que nos torna humanos é a linguagem verbal, o poder de criar símbolos com o pensamento; a nossa percepção do mundo só é possível através da linguagem verbal”, explica. Para ele, “a leitura é o nível mais avançado de complexidade lingüística a que chegamos”. Por isso, ela é fundamental para “aumentar o nosso repertório lingüístico, que é o responsável pela nossa percepção de absolutamente tudo”.



A woman with long, dark, curly hair, wearing a white tank top and dark jeans, is standing in a library. She is reaching up with both hands to a high shelf to handle a book. The shelves are filled with books, and the lighting is dramatic, with strong highlights and deep shadows. The background shows a window with bright light coming through.

Faltam livros:  
no Brasil  
todo há cerca  
de 3.500  
bibliotecas; em  
comparação, só  
em Paris elas  
são mais de  
duas mil



# Alfabetização, um fator de mudanças

Aprender a ler e escrever, segundo o educador Paulo Freire, “é uma oportunidade para que mulheres e homens percebam o que realmente significa dizer a palavra: um comportamento humano que envolve ação e reflexão. Dizer a palavra, em um sentido verdadeiro, é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar”.

**68%**

dos brasileiros são analfabetos funcionais. Somados aos

**7%**

totalmente analfabetos, a triste conclusão é que

**75%**

da população não domina a leitura, a escrita e as contas.

A alfabetização consiste na apreensão do alfabeto e da capacidade de utilizá-lo plenamente como código de comunicação. Ela é um dos mais fortes instrumentos de inclusão social e um fator determinante

de mudanças. A erradicação do analfabetismo é discutida permanentemente por governantes de todo o mundo. Apesar dessa manifesta preocupação, aproximadamente 25% dos adultos e jovens nos países pobres e em desenvolvimento são analfabetos. Essa porcentagem corresponde a cerca de 900 milhões de pessoas.

De acordo com o Ibope, atualmente 7% da população não estão alfabetizados. Isso sem contar os analfabetos funcionais, problema tão sério quanto pouco debatido nos círculos acadêmicos e governamentais. Os chamados analfabetos funcionais são pessoas que, apesar de terem a capacidade de decodificar letras, frases e sentenças curtas, não desenvolveram a habilidade de interpretar textos. Ou seja: lêem, mas não entendem; conseqüentemente, também não conseguem escrever.

O mesmo acontece com os números; a pessoa consegue identificá-los, mas não é capaz de fazer operações matemáticas. Também é definido como analfabeto funcional o indivíduo maior de quinze anos e com escolaridade inferior a quatro anos. No entanto, essa definição não é muito precisa, já que existem analfabetos funcionais até mesmo com nível superior de escolaridade.

Segundo dados do Instituto Paulo Montenegro (braço social do Ibope), o analfabetismo funcional no Brasil atinge cerca de 68% da população. Somando-os aos 7% da população que são totalmente analfabetos, temos um quadro alarmante: 75% da população não dominam a leitura, a escrita e as operações matemáticas. Ou seja: apenas um, de cada quatro brasileiros, é plenamente alfabetizado.

# Letras para todos

Alfabetizar significa transformar a realidade das pessoas. Esse é o objetivo do projeto *Todas as Letras*, promovido pela CUT com apoio do programa Brasil Alfabetizado. O foco é a alfabetização de jovens e adultos, numa perspectiva de conscientização política e cidadã. O projeto foi realizado nacionalmente e também no Distrito Federal e Entorno.

Judith da Silva, aluna do Núcleo Rural de Valparaíso II, afirma que o *To-*

*das as Letras* mudou a sua vida. Hoje, além de assinar o nome com agilidade, ela realiza uma tarefa antes impossível: ler e entender o que lê. "Não tive a mesma oportunidade que minhas filhas têm hoje. Por isso, antes eu só sabia assinar meu nome", explica.

Com cinco filhos, Judith chegou a Brasília há 15 anos. "Vim para Brasília procurar tratamento para o meu esposo, mas acabei ficando aqui mesmo. Compramos uma casa em Valparaíso II

e não pretendemos ir embora." Para manter os filhos na escola, Judith trabalhava e não tinha tempo de estudar. "Eu tinha que ajudar o meu marido, mas sentia muita falta de estudar. Quando surgiu o *Todas as Letras*, vi que as aulas eram perto da minha casa e aproveitei a oportunidade," conta.

Além de aprender, Judith também fez amigas: "Adorava a escola, conversava, fazia confidências", confessa, rindo. Agora Judith também comemora o fato de poder ir ao supermercado e fazer compras sem pedir a ajuda de estranhos. "Antes eu não conseguia ler os preços; hoje leio, somo os valores, faço tudo sozinha", diz, orgulhosa.

Judith só lamenta que as aulas tenham parado desde março deste ano: "Gostaria muito de voltar para concluir o módulo." Segundo Lomanto da Silva Pereira, da Secretaria de Informação da CUT-DF, a paralisação se deve a mudanças determinadas pelo Ministério da Educação em relação às responsabilidades e recursos do projeto. "Pedimos ao MEC que o *Todas as Letras* continue com a metodologia que nós desenvolvemos. Estamos aguardando a decisão deles", explica.

**Judith da Silva, aluna: mudança de vida. Orlando Vital (abaixo), educador popular: realização profissional**



FOTOS: ARTHUR MONTEIRO



## Integração e socialização

"Fico orgulhoso quando meus alunos dizem que arrumaram um emprego ou tiraram carteira de motorista depois que frequentaram as minhas aulas", conta o professor Orlando Vital, responsável por turmas do projeto *Todas as Letras* em Valparaíso II e Céu Azul.

Orlando mora em Valparaíso II e é educador popular desde 2002. Ele afirma que o educador se transforma em um "ombro amigo", às vezes até um confidente para os alunos. "Muitos são discriminados por seus familiares por não saber ler ou por pronunciar palavras erra-

das. Muitas vezes os próprios filhos não aceitam essa limitação dos pais. Por isso, quando vejo meus alunos felizes, aprendendo, continuando os estudos ou conquistando um emprego, eu me sinto realizado", emociona-se.

Ele conta que o método do *Todas as Letras* atende a três eixos: cultura, trabalho e desenvolvimento social. As aulas eram ministradas de segunda a quinta-feira, em dez horas por semana. "Esse projeto promove realmente a integração e a socialização do aluno. Espero que volte logo", diz Orlando.

# O Zé e suas muitas idéias

## IDÉIAS PARA A CIDADANIA E PARA A JUSTIÇA

José Geraldo de Sousa Júnior

Porto Alegre: Sérgio Fabris Editor e SINDJUS-DF, 2008, 116 p. R\$ 29,00

Desde meu primeiro contato com José Geraldo de Sousa Júnior saltaram-me aos olhos duas impressões que, como diz a sabedoria popular, "são as que ficam". A primeira foi de sua incrível disponibilidade, a mesma que lhe rende o tratamento de "Zé" mesmo nos mais sisudos ambientes que frequenta. Durante um de meus primeiros flertes com o tema do ensino jurídico, fui tomado de interesse por "O Direito Achado na Rua", movimento acadêmico da Universidade de Brasília, que ele criou e dirige. Incapaz de encontrar informações sobre o projeto, enviei-lhe uma mensagem por e-mail. A resposta veio no dia seguinte, com algumas boas indicações e a solicitação do meu endereço postal. Dois ou três dias depois recebi um envelope com vários materiais sobre questões de meu interesse.

A segunda impressão foi de sua incessante capacidade de formulação. Durante viagem que fiz a Brasília em 2002, agora para uma visita de campo ao Núcleo de Prática Jurídica da UnB, tivemos uma conversa que mudaria completamente o meu enfoque de estudos. Nos 20 ou 30 minutos da carona que me deu, ele me convenceu de que havia um processo de reforma do ensino jurídico em curso no Brasil, e que os desdobramentos disso ainda careciam de maior atenção analítica, para reclamar um novo modelo de extensão ou para identificar novas abordagens sobre a violência nas Faculdades de Direito. Foi seguindo essas pistas que trabalhei (Sá e Silva, 2002 e 2008).

Pode ser o vício do meu olhar, mas assim que tomei contato com o livro que ele agora lança, de imediato reconheci aquelas duas antigas impressões. Começando pela segunda, trata-se de uma coletânea de 50 artigos, nos quais ele expõe suas "idéias" sobre os mais diferentes temas, unidos apenas pela pertinência à "Cidadania" e à "Justiça".

Alguns desses textos resultam de sua experiência como ex-dirigente do Ministério da Educação e da Faculdade de Direito da UnB ("Ensino Superior no Brasil: Expansão de Vagas e Avaliação", "Cotas Contra a Desigualdade Racial"). Outros dizem respeito à crise e à reforma da justiça ("Que Judiciário na Democracia?", "Reforma do Judiciário e Reeducação do Jurista", "Controle Democrático do Judiciá-

rio e do Ministério Público"). Outros encarnam a defesa do seu modo heterodoxo e não-conformista de conhecer e ensinar o Direito ("O Direito como liberdade e consciência"; "Idéias e Concepções de Mundo que não se deixam represar"). E muitos respondem a questões cruciais na vida recente do país ("MST: Ação Política e Reação Criminalizadora", "Memória e Verdade: Os Mortos do Araguaia", "A Razão da Idade: Contra a Redução da Maioridade Penal", "Comércio de Armas e Cultura de Paz: Dilemas de um Referendo" e "Classificação Indicativa de Programas de Televisão").

É claro que para inquietações como essas, vindas de alguém que tem assegurada inserção jurídica e acadêmica no Brasil e no exterior, não faltariam espaços de divulgação. Mas aí é que entra a primeira das minhas impressões. Longe das revistas especializadas ou de jornais de grande circulação, os artigos que compõem o livro foram publicados no boletim do SINDJUS-DF (Sindicato dos Trabalhadores do Poder Judiciário e do Ministério Público da União no DF) a cujo coordenador-geral coube o disputado Prefácio. Escolhas como essas revelam atenção aos versos (para não falar da prosa) de um dos grandes interlocutores do autor: *"Os pés e os passos/ Nas ruas agitadas de fim de tarde/ Dizem tudo o que há a saber sobre a cidade:/ Bastaria que os políticos e cientistas sociais/ Trabalhassem no chão"* (Santos, 2004).

Leitores mais exigentes podem reclamar da falta de um texto introdutório ou de um posfácio explicativo, no qual o autor sintetize as grandes premissas de seu pensamento. Como alguém que acompanha os trabalhos do Zé há algum tempo, creio que essa esperança é vã. Já cogitei que isso se devesse ao receio de que tais textos pudessem ser tomados como suas "palavras finais" e, com isso, estancassem o sentido do seu trabalho. Depois estimei que fosse uma espécie de capricho, de quem quer dar aos interessados em sua produção a ingrata tarefa de juntar cacos. Hoje penso que se trata apenas de uma urgência que poucos são capazes de sentir e que, como disse Goffredo da Silva Telles Jr., implica em "deixar de lado o que não é essencial" frente às inúmeras demandas da nossa democracia em construção.

### Por Fábio C. M. Sá e Silva

Advogado, mestre em Direito pela UnB e doutorando em Direito, Política e Sociedade na Northeastern University (EUA)



**PESQUISA  
SINDJUS 2008**

## Esta é sua chance de ganhar uma TV 32" LCD.

É fácil e rápido. Basta acessar o site [www.sindjusdf.org.br](http://www.sindjusdf.org.br) e participar da pesquisa. Serão sorteadas 4 TVs, uma por semana. Participe logo na 1ª semana e tenha até 4 chances de ganhar a sua.

Conheça todo o regulamento no site do SINDJUS-DF.



**SINDJUS-DF**

# Convenção 151

Bom para o **SERVIDOR**  
Bom para o **PÚBLICO**  
Bom para o **BRASIL**



**SINDJUS**

Filiado a  
**CUT**  
FENAJUFE